UMA HISTÓRIA DOS MANGUEZAIS DO RECIFE: MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI NO ROMANCE DE JOSUÉ DE CASTRO “HOMENS E CARANGUEJOS”.

Katherine Cínthia de Santana[1]
(Graduanda em História UNICAP, katherine251295@hotmail.com)

O presente trabalho pretende analisar as representações produzidas sobre a cidade do Recife a partir do romance *Homens e Caranguejos*. O autor dessa obra, Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908 no Recife e faleceu no ano de 1973 em Paris, onde estava exilado desde o golpe civil-militar de 1964. Nesse sentido, o romance *Homens e Caranguejos* (1966) é analisado como uma “escrita de si”, pois aborda lembranças de suas vivências, seus pensamentos, bem como as críticas realizadas as elites do Nordeste do Brasil e ao modelo de cidade que comportava as desigualdades sociais. Josué de Castro construiu um modo diferenciado de abordar à história da cidade do Recife, problematizando as questões sociais que ainda marcam os indivíduos dessa sociedade no presente. Além disso, explorar a trajetória de Josué de Castro, principalmente como presidente do Centro Internacional de Desenvolvimento (CID) durante a década de 1960 será fundamental para compreender o lugar de fala, as redes intelectuais e políticas, e as escolhas que tomou quando vivenciou o exílio. Desse modo, contamos com um conjunto de fontes documentais como livros, correspondências e fotografias que juntamente com o auxílio de metodologias e teorias serão fundamentais para analisar a trajetória de Josué de Castro.

Palavras-chave: 1. Josué de Castro, **2.** História da Cidade, **3.** Memória

[1] Bolsista PIBIC pela Universidade Católica de Pernambuco. Orientador: Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim (PPGH-UNICAP)

Representações da Cidade do Recife

> Bem ao lado da casa começava a zona compacta dos mocambos, das choças de palha e de barro, amontoadas umas por cima das outras num enovelado de ruelas, numa anarquia desesperadora. As casas entrando por dentro da maré, a maré invadindo as casas. Os braços do rio passando pelo meio da rua e a lama envolvendo tudo. (CASTRO, 2001, p. 16)

No campo de estudos das cidades é importante levar em consideração suas perspectivas na formação da organização social. No século XIX surgiram pensadores que se interessaram em compreender especificamente o convívio urbano, em decifrar os diferentes tipos sociais existentes na sociedade e como se relacionam. As formas urbanísticas derivam das mudanças nas conjunturas históricas ocorridas ao longo do tempo. Estudar a cidade também consiste em analisar documentações como indícios dos percursos e obras de intelectuais que por meio de seus escritos reproduzem imagens da cidade (que com sua ambivalência é representação e leva a produções de representações de si mesma).

Produzido em um momento político em que o Brasil estava vivenciando a ditadura civil-militar, Josué de Castro no romance *Homens e Caranguejos* (1966) relata em seu prefácio memórias de quando residia desde seu nascimento, numa casa estilo colonial no bairro da Madalena. Descreve que em tempos de cheia os caranguejos subiam os grandes batentes, pois o sítio alagava parecendo um mar e a frente do lar era voltada para o rio, pois houve uma época em que o meio de transporte realizava-se fluvialmente, o que ao longo dos anos foi se modificando.

Com o passar dos anos Castro estudou Medicina (foi nesse momento que começou a criar redes intelectuais importantes) e ao formar-se viajou para os EUA, onde passou uma primeira experiência de estudos no exterior, que contribuiu para sua especialização que era a Nutrição. Neste mesmo período o povo recifense ainda

sofria com as mudanças urbanísticas que tiveram grande intensidade início do século XX.

Entre os anos de 1910 e 1914, o Recife passará por muitas modificações, onde acordos foram realizados (e indenizações pagas) para a destruição de várias casas residenciais das ruas Thomé de Souza, d. Maria de Souza, Rua do Pharol e ao Largo do Corpo Santo para ampliação do Porto do Recife. Além disso, a muralha do antigo Dique do Nogueira (construído através do Plano de Melhoramento do Porto de Pernambuco em 1867) e Igreja Matriz do Corpo Santo também serão alvos de demolições.

> Sob a fiscalização do dr. Silvestre de Araujo, engenheiro da 2.a residencia da commissão fiscal do melhoramento do porto, teve inicio hontem, á tarde, a demolição da muralha do antigo dique do Nogueira.
> Uma vez demolida a parte necessaria para a construcção da nova muralha, esta terá começo, caso tenha vindo de Comportas as pedras destinadas áquelle trabalho.
> - Coma a commissão fiscal e administrativa das obras do porto do Recife fecharam acôrdos para as desapropriações os srs. Manuel Carpinteiro Peres, proprietario da casa n. 3 á rua Thomé de Souza, d. Carolina Maria Campos, da de n.3 á rua d. Maria de Souza, João Soares da Silva, da de n. 82 á rua do Pharol, d. Maria Brazilina Galvão, de uma parte da de n. 17 ao Largo do corpo Santo[2].

A partir das demolições desses casarios, será noticiado nos jornais algo que para o período se tratava de acontecimento praticamente comum: a realização de um leilão com materiais (como tijolos, grades, portas, janelas, telhas, etc.) das habitações que foram desmanchadas.

> Será brevemente vendido em leilão, o material proveniente da demolição dos prédios das ruas* de S. Jorge e do Pharol, o qual desde já poide ser alli examinado pelos pretendentes, segundo aviso publicado na secção competente desta folha[3].

[2] HEMEROTECA DIGITAL. Diário de Pernambuco. Recife, 5 de janeiro de 1910. Nº 00003
[3]HEMEROTECA DIGITAL. A Província: Órgão do Partido Liberal (PE). Recife, 28 de junho de 1910. Nº 00155

Em 1930, Josué de Castro retorna ao Recife (após residir alguns anos no Rio de Janeiro), e se depara com os problemas sociais em que já havia presenciado ao longo de sua infância. Nesse mesmo ano publica *Documentário do Nordeste*, onde já apresenta consciência sobre as desigualdades existentes na sua cidade natal, levando-o a compreender que a questão da fome era um fator social e que fazia parte da grande maioria da população brasileira.

Na década de 1950, começou a se dedicar nas especialidades de gastroenterologia e nutrição, a partir disso começará fazer parte de entidades importantes como o CID. Em 1962, Josué de Castro renunciou ao mandato de deputado federal por ter sido nomeado, pelo então presidente João Goulart embaixador do Brasil para assuntos ligados à Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra.(AMORIM, 2016, p.18). O Centro Internacional para o Desenvolvimento foi criado em 1962, por um grupo de excelentes personalidades de notabilidade no exterior. Seria uma organização de caráter internacional, porém não governamental e sem fins lucrativos. Tal organismo tinha como alguns objetivos estimular, empreender, encorajar, realizar estudos, projetos e pesquisas sobre o melhor desenvolvimento econômico para a melhoria da sociedade com que faça extinguir a fome que considerava ser fruto da exploração do homem pelo homem.

Josué de Castro e as Desigualdades Sociais

[...]
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

[...]
(MELO NETO, 2016, p. 20)

O sertão dos conflitos, das disputas, das elites, da seca, da fome, da cultura popular riquíssima, instiga o retirante a migrar da região nordestina, por ser um lugar onde é dificultoso plantar e criar animais pela falta d'água e o solo seco, sem falar nas famílias de baixa renda (que não recebem dinheiro o suficiente para sustentarem-se) e da morte que é certeira e chega antes do previsto. Em 1877, ocorreu uma seca que durou exatos três anos e dizimou em média de 500 mil pessoas, levando aqueles que apresentavam algum recurso a deslocar-se para os grandes centros urbanos. Ao chegar às cidades acreditam em fugir da fome, melhorando a qualidade de vida, porém muitos se estabelecem em áreas de manguezais, onde tiram seus sustentos do caranguejos.

> A seca, portanto, continha um fortíssimo elemento "regionalizador", articulando em torno do semiárido um conjunto imaginário extremamente amplo e complexo de significados, expresso em discursos, imagens, valores, normas de conduta e movimentos artísticos. (NEVES, 2011, p. 11)

Josué de Castro considera o homem e o caranguejo (cenário de seu romance *Homens e Caranguejos*) como irmãos de leite, ou seja, ambos vivem na região lamacenta do Recife e começam a apresentar características iguais de vivencia no mangue. Para esse pensamento Castro usa o termo "Ciclo do Caranguejo", pois o ser humano lança seus dejetos no mangue, onde os caranguejos que nascem nas beiras dos rios (assim como esses homens viventes na lama) se alimentam dos excrementos como cita no romance "vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, à espera que a correnteza lhes trouxesse um pouco de comida, um peixe morto, uma casca de fruta, um pedaço de bosta que eles arrastariam para o seco matando a sua fome." (CASTRO, 2001, p.17)

Castro presencia pela primeira vez a fome quando criança, mas apenas terá consciência quando atinge a fase adulta. "Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejos" (CASTRO, 2001, p.10). Josué de Castro afirma que o conhecimento que obteve sobre o

fenômeno da fome não ocorreu em nenhuma universidade e sim presenciando constantemente ao longo de sua vida (principalmente no combate de tal problema).

A fome foi bastante presenciada pelos olhos de Josué de Castro nos manguezais do “Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite” (CASTRO, 2001, p. 10), na qual atualmente aos passarmos próximo dessas regiões vemos a miséria nua e crua que a sociedade tenta esconder. O passado de desigualdade social, ainda está presente. Nessas localidades, onde homens chupavam a seiva verde do capim de maneira para enganar um pouco a fome, que mesmo a barriga vazia, a mente trabalhava o imaginário. A fome contribui para as mudanças de comportamento da moralidade, pois a situação modela suas vidas.

Em 2018, a fome teve um crescente aumento no terceiro ano consecutivo, onde em média 820 milhões de pessoas sofrem em todo o Mundo e no Brasil afeta cinco milhões da população. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as pessoas que estão abaixo da renda são aquelas que vivem com um valor igual ou inferior de R$ 18,24 reais por dia para sobreviver. Com isso, o Brasil poderá retornar ao título de país da fome (onde havia saído em 2014).

E' que o mocambo se harmoniza com o clima, com as águas, com as côres, com a natureza, com os coqueiros e as mangueiras, com os verdes e os azuis da região como nenhuma outra construção. (FREYRE, 2016, p.45). Em um determinado momento na história das cidades, começará a criação dos mocambos (chamados por muitos de casa de caboclos, negros, pescadores, pardos ou pobres), que no início seria o lugar para onde os escravos fugiam ou os conjuntos de residências dos ex-escravos que foram libertos com a Lei Áurea. Anos depois o conceito de mocambo irá se diferenciar de maneira que serão as moradias feitas de pau, de barro, de coqueiro, cipós, palha e até mesmo capim, ou seja, tudo que for acessível ao pobre. Mesmo com o ar primitivo, o mocambo apresenta grande valor regional, pois representa uma construção humana interligada a natureza. Moradias de pessoas simples e resistentes, são reflexos da desigualdade do modelo de cidade e sociedade adotado.

> No Recife, encontramos o mocambo como portador do estigma execrável: moradia de negro, de ex-escravo, de pobre; torna-se símbolo do atraso e da desordem que envergonha todo o estado. São notadas diversas politicas de combate a expansão dessa forma de moradia, todas elas baseadas em princípios de limpeza biológica e social (MORAES, 2013, p. 7)

A partir de 1937, o estado de Pernambuco estava se sucedendo ao governo de Agamenon Magalhães, que estava intensamente propagando-se o discurso de oposição aos que residiam nos mocambos, desenvolvendo a Liga Social Contra o Mocambo.

> As ações do governo de Agamenon Magalhães no estado de Pernambuco foram caracterizadas por grandes transformações no espaço urbano e propaganda intensa contra os moradores de mocambo, em uma associação profunda entre a moradia e o sujeito; sendo o mocambo estigmatizado como portador de todos os males biológicos e morais – especialmente em um período de ainda forte influência das ideias higienistas e eugênicas. (MORAES, 2013, p. 1).

Reclamações aconteciam nos jornais como o *Diario de Pernambuco*[4] que retratavam a falta de higienização na qual levou inúmeros sobrados a serem demolidos para alargamento das ruas e avenidas (como no inicio do século XX). Para a sociedade assolava-se um vírus que necessitava ser combatido e a sua localização seria na moradia do pobre.

Existiam várias políticas realizadas pelo governo pernambucano que interferiam no modo de vida dessas pessoas que eram negras, ex-escravos e pobres, para uma limpeza biológica e social, de maneira que essas pessoas seriam afastadas e esquecidas pela sociedade. A partir desse processo, milhares de pessoas começaram a ter subcidadania[5].

O Cenário Mundial e as “Escritas de Si” no Romance *Homens e Caranguejos*

[4] Muitos periódicos no início do século XX retratam que as demolições ocorridas, principalmente em sobrados, pela falta de higienização nas moradias.

[5] Condição de quem reside em áreas periféricas, não sendo considerado um cidadão. Acontece quando uma população está exposta a um governante que propaga ações dessa maneira.

A década de 1960 ficará eternamente marcada mundialmente por inúmeros acontecimentos, como por exemplo, a China e a URSS que após seu rompimento levará o mundo a uma divisão do socialismo; e a França perdeu a Guerra da Argélia, ambas ocorridas em 1962. Mas o período que marcará com fatos os continentes americanos será o ano de 1961.

A presidência dos Estados Unidos será assumida por John Kennedy, onde novas diretrizes serão adotadas para a América Latina, onde a *Aliança para o Progresso* será desenvolvida para ajudar tecnicamente e economicamente, porém não atingiu os objetivos traçados. Outro projeto criado decorreu dos vários centros militares de treinamento, onde a que teve maior destaque estava localizada na Zona do Canal do Panamá, a Escola Militar das Américas, que em média passaram 80 mil militares entre os anos de 1963 e 1983. Uma das consequências dessas diretrizes foi o aumento das ditaduras militares. Nas experiências temporais e espaciais praticadas no agreste de Pernambuco entre os anos de 1950 e 1960 o medo acerca do comunismo foi tonalizado de diferentes cores e degustado de distintas maneiras. (CAVALCANTI, 2012, p. 1)

> Os militares matriculados, inclusive brasileiros, participavam de cursos de Contra- Guerrilha Urbana e na selva, além de cursos de preparação para atuar junto ás comunidades carentes (a chamada ACISO, ou Ação Cívico Social) e de técnicas de interrogatório de presos políticos envolvendo a prática da tortura cientifica. (AQUINO. et al., 2015, p. 630)

No Brasil, em setembro de 1961, João Goulart com seus 43 anos assume a Presidência da República. Era o terceiro presidente a tomar posse nesse ano, e o sentimento foi de alegria, mas a inflação estava alta, não havia um controle dos gastos públicos e existia uma grande dívida externa que necessitaria ser pago no início de 1962, o país estava em estado de emergência.

Goulart idealizou alguns esboços de planejamento para o governo, porém teve que elaborar sistemas mais rapidamente e o que para seus elaboradores era oportuno. Afinal, dava força ao Legislativo sem deixar espaço de ação ao Executivo. No fundo, o Congresso solucionou a crise política à sua maneira: para governar o

novo presidente necessitava obter sólida maioria na Câmara Federal. (SCHWARCZ. STARLING, 2015, p.437)

Em 1962, Josué de Castro renunciou o mandato de deputado federal por Pernambuco (ocupado por Castro desde a década de 1950 pelo Partido Trabalhista Brasileiro) para tornar-se embaixador do Brasil em referência aos assuntos interligados a ONU (nomeado pelo presidente João Goulart) em Genebra.

> Na sua atuação enquanto deputado defendeu a criação de uma reserva de alimentos no Brasil para os momentos de crise, a desapropriação de terras por interesse social, além de um plano nacional de alimentação e de merenda escolar. Destaca-se ainda a sua preocupação com a reforma agrária e a aproximação com os movimentos de trabalhadores rurais, especialmente com as Ligas Camponesas. Josué de Castro participou dos debates que criaram a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e combateu enfaticamente o modelo de desenvolvimento adotado pelo governo de Juscelino Kubistchek. (AMORIM, 2016, p. 20)

Passados dois anos, foi deposto do cargo, pois, dava-se início ao golpe civil-militar de 1964. Parte desse contexto político era voltada a combater o comunismo e os setores progressistas que estavam a favor do Presidente João Goulart (sofreu o golpe dos militares). Nesta ocasião, foi outorgado o AI-1 (Ato Institucional Nº1), que todos aqueles que ameaçassem à segurança nacional teriam cassados seus mandatos legislativos, de servidores públicos e durante dez anos teriam seus direitos políticos suspensos.

> [...] Art. 10 - No interesse da paz e da honra nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, os Comandantes-em-Chefe, que editam o presente Ato, poderão suspender os direitos políticos pelo prazo de dez (10) anos e cassar mandatos legislativos federais, estaduais e municipais, excluída a apreciação judicial desses atos. [...][6]

O nome de Josué de Castro estava entre os quarenta primeiros nomes cassados pela ditadura civil-militar (dentre esses estavam intelectuais políticos, funcionários públicos e professores). Foi graças aos cargos ocupados (como médico, professor acadêmico, embaixador, deputado federal, geógrafo, etc.) e as

[6] Brasil. Ato Institucional nº. 1. Disponível em. < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-01-64.htm>. Acesso em: 12 dez. de 2018.

redes intelectuais construídas que contribuiu para vários países o aceitarem no momento em que o governo brasileiro cassou os direitos políticos, o local escolhido foi Paris, chegando ao destino dia 23 de abril de 1964.

> A popularidade do então presidente da República, o general Emílio Garrastazu Médici estava em alta. Para os insatisfeitos, o regime criou o slogan: — "Brasil, ame-o ou deixe-o". No exterior estavam inúmeros asilados políticos que foram obrigados a viver longe do seu país, sem perspectiva de uma abertura política.[...] (AMORIM, 2016, p. 34)

Ao viver no exílio em Paris, realizou atividades acadêmicas em universidades como Sorbonne e Vincennes e na presidência do CID[7]. Para compreender esse homem múltiplo, se faz necessário realizar análises documentais para a construção de Castro.

Em 1966, Josué de Castro lança o seu primeiro e único romance intitulado *Homens e Caranguejos*. Escrito ainda no momento do exílio, a obra foi traduzida em nove idiomas: polonês, sueco, húngaro, espanhol, francês, italiano, norueguês, inglês e português de Portugal. Em suma, teve uma circulação significativa em toda Europa. (AMORIM, 2016, p.241).

Em 1967, ocorreu o lançamento do romance no Brasil pela Editora Brasiliense, mas os periódicos[8] não comentavam a repercussão com tanta intensidade pela razão da ditadura civil-militar ainda estar ativa no país. *Homens e Caranguejos* narra à história de João Paulo e sua família que migram do sertão para a área de manguezais do Recife.

Ao longo do prefácio é possível identificar memórias vividas por Josué de Castro "escritas de si" (onde o individuo irá assumir um lugar de reflexão sobre sua própria história e ao mundo em seu redor) e que atualmente podemos analisar o que permanece e o que desapareceu no nosso cotidiano.

---

[7] Já formado em medicina, na década de 1950, começou a se dedicar nas especialidades de gastroenterologia e nutrição, a partir disso começará fazer parte de entidades importantes como o CID (o que chamou a maior atenção em 1964 na ditadura civil-militar)

[8] Existe importância em se analisar os periódicos, pois são fragmentos do que se foi vivido de maneira materializada.

No decorrer do romance podem-se observar as diferenças de classes sociais que existem. Em uma das cenas narradas a personagem dona Idalina conta a João Paulo que seu neto Carlindo se dirige aos lixos das casas mais ricas trazendo sobras de alimentos. Os restos de comidas melhores e diferenciados de maneira que muitos ainda estão em bom estado para serem consumidos, principalmente quando ocorrem casamentos para matar a fome do porco Baé. Idalina sonhava em engordar o animal para no mês de dezembro conseguir vender por um bom dinheiro, para comprar uma roupa e um par de sapatos para Carlindo fazer sua primeira comunhão.

O romance tem como cenário apresentado por Castro à relação do homem com o caranguejo e o mangue, o que os jornais pouco retratam.



JOSUÉ DE CASTRO

Grande cientista, **PERNAMBUCANO**, autor da obra cultural brasileira mais comentada e discutida no mundo inteiro. Obra traduzida em 25 diferentes idiomas, com uma tiragem que já ultrapassou um milhão de exemplares!

LANÇA O SEU PRIMEIRO **ROMANCE:**

HOMENS E CARANGUEJOS

NCR$ 5,00

Procure êste livro na sua Livraria preferida. Não o encontrando, peça-o pelo Reembôlso Postal à

LIVRARIA BRASILIENSE

Rua Barão de Itapetininga, 99
São Paulo — SP

OUTRAS OBRAS DE JOSUÉ DE CASTRO:

	NCr$
— geografia da fome — 9.ª edição	8,00
— geopolítica da fome - 2 vols. - 7.ª edição	12,00
— documentário do nordeste — 3.ª edição	6,00
— ensaios de geografia humana - 4.ª edição	7,00
— ensaios de biologia social — 3.ª edição	7,00
— o livro negro da fome — 2.ª edição	5,00
— sete palmos de terra e um caixão — 2.ª edição	6,00

Vindo a São Paulo, não deixe de visitar a

LIVRARIA BRASILIENSE,

a mais completa da cidade!

Figura 1: Nota de jornal retratando a venda do romance. Fonte: HEMEROTECA DIGITAL. Diario de Pernambuco. Recife, 14 de janeiro de 1968. N° 00010 (1)

O *Diario de Pernambuco* retrata a notícia da venda de *Homens e Caranguejos*, e descreve que Josué de Castro é um grande cientista, pernambucano e que é autor da obra preferentemente comentada em todo o mundo e que foi traduzida em mais de 25 idiomas (*Geografia da Fome*).

> JOSUÉ - Recebo o livro Homens e Caranguejos, de Josué de Castro, lançado pela Editôra Brasiliense, Josué vive a glória de ter sido

> cassado pela revolução. Talvez seja êsse seu maior orgulho, atualmente. Mora em Paris, festejado e aplaudido pelo mundo inteiro, nos Estados Unidos e na Rússia, menos no Brasil - diga-se, a bem da verdade - pela grossura política que impera em todos os quadrantes. Pelos homens de cultura, não. Entre êstes Josué é respeitado, querido, figura no rol dos que mais têm engrandecido, lá fora, o nome do Brasil. E talvez por isso tenha tido seus direitos políticos retirados de circulação... Em vários países pude verificar o prestígio e o renome de Josué de Castro. Agora mesmo, êle estêve por aqui, de passagem, convidado para realizar conferências nos Estados Unidos e a serviço da ONU. Para se ter idéia, seu livro Homens e Caranguejos, que sòmente agora sai no Brasil, já possui mais de dez traduções e já foi editado em diversos países. isso, é óbvio, não recomenda muito quem cassou Josué de Castro, mas dá margem a que Josué se orgulhe de ter sido cassado...[9]

O periódico apresenta uma manchete de autor desconhecido. No primeiro momento retrata do recebimento do livro da Livraria Martins Editôra, em comemoração aos 30 anos de existência, dos autógrafos apresentados na obra e quem trabalhou ao longo dos anos de 1926 a 1966. No segundo momento, iniciasse a denota sobre Josué de Castro, que recebeu o romance *Homens e Caranguejos.* Dos onze jornais analisados entre os estados de Pernambuco e Rio de Janeiro, apenas o Diário de Noticias[10] retrata os reais motivos que a obra não é muito mencionada e as razões pela qual Castro não reside no Brasil. Isso, é óbvio, não recomenda muito quem cassou Josué de Castro, mas dá margem a que Josué se orgulhe de ter sido cassado...(Diário de Notícias, 22 de março de 1968)

Josué Apolônio de Castro era um homem múltiplo[11], que entre as décadas de 1930 e 1970, contribuiu com seus conhecimentos em diversas áreas. Mas, o seu grande marco foi à defesa de um plano de desenvolvimento que contribuiria em acabar com a desigualdade social e a fome que levou e continua levando milhares de brasileiros a desnutrição e a morte.

---

[9] HEMEROTECA DIGITAL. Diario de Noticias. Rio de Janeiro, 22 de março de 1968. N° 13907 (1)

[10] Jornal carioca que além de ser diário era também de caráter matutino. Foi fundado em 12 de junho de 1930 por Orlando Ribeiro Dantas. Sairá de circulação em 1974. O objetivo do periódico não seria de uma profunda modificação de uma sociedade, mas em uma "reforma, a substituição e o aperfeiçoamento" dos métodos políticos antiliberais. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/verbetes, acessado em 13 de dezembro de 2018.

[11] Médico, escritor, professor universitário, presidente do Conselho Consultivo da FAO, deputado federal, embaixador e presidente do Centro Internacional de Desenvolvimento em Paris (CID), entre outros.

Em 24 de setembro de 1973, em Paris, falecia Josué de Castro. Os jornais da Europa retratavam a sua morte, porém, no Brasil foi bastante diferenciado a forma com que foi tratado o acontecimento. Neste período, os periódicos brasileiros sofriam com a censura da ditadura civil-militar que com a criação do AI-5 (Ato Institucional Nº 5, criado em 13 de dezembro de 1968, tinha como um dos artigos a suspensão da liberdade de expressão), intensificaram o controle de informações que eram transmitidas ao país para que não houvesse nenhum tipo de manipulação. É como Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling afirmam na obra *Brasil: uma biografia*, "o AI -5 era uma ferramenta de intimidação pelo medo, não tinha prazo de vigência e seria empregado pela ditadura contra a oposição e a discordância". (SCHWARCZ. STARLING, 2015, p.455)

O que era relevante foi monitorado pela ditadura civil-militar, desde a chegada ao Rio de Janeiro do corpo de Josué de Castro, até o momento do sepultamento. Além disso, até o que a imprensa falaria sobre o momento era monitorado, pois os pensamentos, obras e memórias eram considerados perigo para a segurança nacional.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Helder Remigio de. *Um pedaço incomensurável: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro*. Tese (Doutorado em História) Recife: UFPE, 2016.

ARRAIS, Raimundo. *O Pântano e o Riacho: a formação do espaço político no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BARROS, José D' Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BARTHES, Roland. *A morte do autor. In: O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Morais Ferreira. *Usos e Abusos da história oral.* Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BURKE, Peter. PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Representando os Trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. A Fome no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

_____, Josué de. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CAVALCANTI, E. V.. *Medo, comunismo e repressão em tempos de ditadura militar: Pernambuco (1964 ? 1968)*. In: Cabral, Geovanni Gmoes.. (Org.). A história e suas práticas de escrita: leituras do tempo. 1ºed.Recife: Editora da UFPE, 2016

CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CRUZ, Denise Rollemberg. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro. Record, 1999.

DOSSE, François. *O desafio Biográfico. Escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs). *O Tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. V.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

_____, Lucília de Almeida Neves. *Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia.*

_____, DELGADO, Lucília de Almeida Neves. FERREIRA, Jorge. (Orgs). O Brasil Republicano. *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*; v.3]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FOUCAULT, Michel. O que é o autor? In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense, 2001.

FREITAG, Bárbara. *Teorias da Cidade*. Campinas-SP: Papirus, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Guia Histórico e sentimental da cidade do Recife*. São Paulo: Global, 2007.

FREYRE, Gilberto. Manifesto Regionalista. Recife, Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2016.

GOMES, Ângela de Castro (Org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: Memoria e Práticas Culturais*. Cuiabá: EDUFMT, 2006.

HEMEROTECA DIGITAL. *A Província: Órgão do Partido Liberal (PE)*. Recife, 28 de junho de 1910. Nº 00155

HEMEROTECA DIGITAL. *Diário de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1910. Nº 00003

HEMEROTECA DIGITAL. Diário de Pernambuco. Recife, 14 de janeiro de 1968. N° 00010

LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

MAGALHÃES, Rosana. *Fome: uma (re) leitura de Josué de Castro*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina: auto de Natal pernambucano*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

MOLLIER, Jean- Yves. *Edição, Imprensa e Poder na França no Século XX*. São Paulo: EDUSP, 2015.

MONTENEGRO, Antônio. *História, metodologia e memória.* São Paulo: Contexto, 2010.

MUNFORD, Lewis. *A Cidade na História: Suas origens, transformações e perspectivas.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NASCIMENTO, Luís Manoel Domingues do. *Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife(1969-1975): sobre as mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife, e o romance: A rainha dos cárceres da Grécia, Osman Lins*. Tese (Doutorado em História). Recife: CFCH, UFPE, 2004.

NEVES, F. C.. O Nordeste e a Historiografia Brasileira. Ponta de Lança (UFS), v. 5, p. 6-24, 2011

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

REZENDE, Maria José de. *A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade 1964-1984*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.